

Banco fará oferta pública de letra

Aline Lima | De São Paulo
07/06/2011

CompartilharImprimirEnviar por e-mail
Daniel Wainstein/Valor



Bardini, do BicBanco: programa que comporta várias emissões reduz custo
O banco Daycoval programa para breve aquela que pode vir a ser a primeira oferta pública de letras financeiras do mercado. Por se tratar de um teste, tanto para o mercado quanto para o Daycoval, que até então não fez sequer uma colocação privada, o volume da emissão será relativamente baixo, entre R\$ 200 e R\$ 300 milhões, com prazo de vencimento de dois anos.

O Daycoval deve puxar uma fila que está empacada desde dezembro do ano passado, quando a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) regulamentou as ofertas públicas de distribuição de letras financeiras. O BicBanco, outra instituição financeira especializada na oferta de crédito a médias empresas, prepara uma oferta para setembro ou outubro, ainda sem volume e prazo definidos.

O banqueiro Morris Dayan, diretor do Daycoval, esteve há três semanas em visita a fundos de pensão, gestoras de recursos e private banks do eixo Rio-São Paulo e ficou entusiasmado com a receptividade dos investidores. "Sai mais barato do que uma emissão externa", compara. O resultado do banco sofreu, no primeiro trimestre, um impacto líquido negativo de R\$ 13,2 milhões decorrente da marcação a mercado do "hedge" de uma emissão externa de US\$ 300 milhões, realizada em janeiro.

Tanto a emissão de letras financeiras do Daycoval como a do BicBanco farão parte do Programa de Distribuição Contínua (PDC) da CVM, registro que permite o lançamento de diversas tranches. "Os custos envolvidos na realização de uma oferta, desde a estruturação até o registro, perfazem centenas de milhares de reais. Daí a vantagem de um programa que comporta várias emissões, no qual o banco pode ir sacando aos poucos", observa Milto Bardini, diretor financeiro e de relações com investidores do BicBanco. Com o objetivo de se preparar melhor para a oferta pública, o BicBanco testou o instrumento, em abril, com uma emissão restrita de R\$ 20 milhões.

Emissões privadas

Saldo até fim de maio* - em



O estoque de letras financeiras alcançou, no fim de maio, R\$ 83,2 bilhões, segundo dados da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima). A projeção inicial de fechar 2011 com saldo de R\$ 100 bilhões já está sendo revista. Todas as ofertas realizadas até o momento, porém, foram vendidas de forma privada, a um grupo restrito de investidores.

"Essas operações estão mais para negociação bilateral do que oferta propriamente dita", observa Alfredo Moraes, vice-presidente da Anbima. A evolução do número de ofertas públicas, para ele, é questão de tempo. "Apenas a inércia precisa ser vencida, pois o produto é tão normal como uma debênture para a empresa", afirma.

Mesmo as emissões privadas, regulamentadas desde o fim de fevereiro de 2010 pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), começaram a ganhar fôlego, de fato, a partir de dezembro do ano passado, quando o Banco Central (BC) isentou a letra financeira de recolhimento compulsório. Ao mesmo tempo, elevou o recolhimento sobre os depósitos a prazo de 23% para 32%, dando uma vantagem para as letras sobre os CDBs.

Tais medidas estão estimulando as ofertas de letras financeiras especialmente por parte dos grandes bancos, já que as instituições pequenas e médias estão na faixa de isenção para recolhimento de compulsório sobre depósitos a prazo. "O incentivo dado pelo governo acaba sendo inócuo para nós", observa Fábio Raposo, tesoureiro da Caixa Geral de Depósitos. Segundo ele, os grandes têm captado com as letras a 106% ou 107% do CDI. "Taxa muito boa para um bom risco", avalia. "Para competir, preciso pagar bem mais."

Paulo Henrique Pentagna Guimarães, presidente do Bonsucesso, especializado na concessão de crédito consignado e financiamento de veículos, compartilha da percepção. "Letra financeira é para grande banco", diz. O Bonsucesso tem recorrido a fundos de investimento em direitos creditórios (FIDCs) para acessar recursos. Ontem, seu FIDC de crédito consignado lançado em fevereiro de 2010 recebeu R\$ 220 milhões por meio de uma segunda tranche.

A tendência, no entanto, é que a resistência ao uso das letras financeiras seja atenuada à medida que o Programa de Distribuição Contínua ganhe adeptos. O presidente do Bonsucesso, por exemplo, não descarta o uso do instrumento. "Se percebermos que o mercado tem apetite para bancos médios, com certeza vamos entrar", ressalta Pentagna.

A Caixa Geral de Depósitos fez uma única emissão privada, em fevereiro, no valor de R\$ 5 milhões e prazo de dois anos para um investidor pessoa física. O banco se mexe, no entanto, para começar a acessar também investidores institucionais. Está sendo aguardada para as próximas semanas a definição de um rating para as operações do

banco português no Brasil de uma grande agência de classificação de risco, segundo Raposo, justamente para facilitar o acesso a esses grandes aplicadores.

A principal vantagem da letra financeira está na oportunidade de alongar o passivo dos bancos, de forma que eles possam conceder empréstimos também de longo prazo. O prazo mínimo de vencimento da letra é de dois anos.